

BLOGS EM PRÁTICAS POÉTICO-PEDAGÓGICAS: DESTERRITORIALIZANDO MEMÓRIAS E FIGURAÇÕES

Noeli Batista dos Santos

noelibatista@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6215028548602762>

RESUMO

A proposta deste artigo é compartilhar as reflexões decorrentes da análise de blogs desenvolvidos em contexto pedagógico. A análise interpretativa teve por objetivo a busca por sentidos de pertencimento no uso de interfaces culturais enquanto lugares de produção poética. Desta prática, emergiram como referências para pensar futuras experimentações poético-pedagógicas os conceitos de desterritorialização, memória e figuração.

Palavras-chave: Pertencimento; Blog; Desterritorialização; Memória; Figuração.

Este artigo deriva da pesquisa, em desenvolvimento, intitulada “*Transformando interfaces culturais em artefatos da mídia-arte: de blogs à poesia visual*”¹. Trata-se de uma pesquisa em arte baseada na prática (SCRIVENER, 2000; CANDY, 2006; ZAMBONI, 2006), que interliga o processo de criação em ciclos de reflexões, integrando a prática pedagógica na convergência da tríade: *ensino, reflexão e produção em mídia-arte*.

Manovich (2001) utiliza o termo interface cultural para significar objetos culturais distribuídos por meio de aparatos digitais, onde os blogs – objeto de estudo desta pesquisa, podem ser compreendidos enquanto um corpo numérico, modular, autômato, variável e mutante, devido à sua capacidade de ser transcodificado em múltiplos formatos. Da mesma forma, observa-se que é um corpo identitário, relacional e histórico, ao significar existências de usuários desterritorializados, de vida nômade, tanto no espaço, quanto no tempo. Ora podem ser definidos em sua condição introspectiva, ao refletirem processos de interiorização de seus usuários, ao mesmo tempo em que são

1 Pesquisa em desenvolvimento no doutoramento em Mídia-Arte Digital – ofertado em regime de associação pela Universidade do Algarve e Universidade Aberta de Portugal – orientada pelo Prof. Dr. Bruno Miguel dos Santos Mendes da Silva (UAIG) e coorientado pela Profa. Dra. Gabriela Borges Martins Caravela (UFJF).

públicos, na sua condição de exteriorizar diferentes percepções de mundo em cada conteúdo postado. Lévy (2011) explica que a desterritorialização, envolve discussões sobre *não-presença* e a reinvenção de uma cultura nômade capaz de redefinir as relações espaço-tempo tradicionais onde o sincrônico substitui o espaço físico, e a interconexão substitui a unidade de tempo.

Considerando as relações das interfaces culturais em contextos de desterritorializações e, na busca pela configuração de espaços de pertencimento em redes digitais, foi proposto a um grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais – modalidade semipresencial do Programa PARFOR², ofertado em regime de associação entre a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Federal de Goiás (UFG), o desenvolvimento de blogs no âmbito das disciplinas *Ateliê de Arte e Tecnologia II – Diálogos Intermidiáticos, Poéticas Visuais Contemporâneas* e *Ateliê de Estéticas Urbanas*, ofertadas, respectivamente, no segundo semestre letivo do ano de 2014 e no primeiro semestre letivo do ano de 2015. Deste processo poético-pedagógico foram destacadas as percepções dos estudantes sobre a ação desenvolvida e as apropriações do blog enquanto lugar de pertencimento, por constituir-se em uma interface de partilhas de memórias e figurações.

Questões de investigação

A escolha pela experimentação dos blogs em contexto pedagógico foi deflagrada pela percepção de que os estudantes, do curso de licenciatura citado, demonstravam compreender o *Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)* – espaço institucional onde o curso é desenvolvido, na qualidade de um não-lugar, onde: “Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar” (AUGÉ, 1994, p.73). Assim, no contexto desta etapa da pesquisa, uma das questões

2 O objetivo do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR é propiciar que docentes não graduados nas áreas disciplinares de sua atuação, por exemplo Artes Visuais, possam cursar uma segunda graduação, para fins de atender a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional – LDB. Disponível em <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>. Acesso em 30 julho.2017.

investigativas propostas foi perceber sob quais aspectos os blogs poderiam tornar-se espaços de pertencimento mediados pela rede telemática. Também, foi objetivo perceber de que maneira a sua produção e manutenção poderia indicar elementos conceituais para transformá-los em artefatos da mídia-arte.

Nesta proposta interdisciplinar, 61 estudantes cursaram a oferta das três disciplinas *Ateliê de Arte e Tecnologia II – Diálogos Intermidiáticos, Poéticas Visuais Contemporâneas*, ofertadas no segundo semestre do ano letivo de 2014. Embora tenham concluído a disciplina um total de 60 estudantes, todos que iniciaram experimentaram a criação do blog e as primeiras postagens. Nessa experiência, foi possível perceber a transposição de uso do AVA em sua função de espaço-informação, para o blog enquanto interface cultural, uma vez que, os estudantes puderam configuraram os seus espaços com referências pessoais, textos autorais, diálogos entre colegas e as experimentações desenvolvidas nas disciplinas. Apesar da familiaridade dos estudantes com o ambiente virtual de aprendizagem, a criação e o gerenciamento dos blogs foi um dos fatores de maior desgaste, pois além de ser a primeira experiência com este tipo de plataforma, alguns estudantes apresentaram resistência, em decorrência do trabalho que o ambiente anterior não lhes exigia. As dificuldades técnicas foram predominantes, até que, superadas, deram lugar às reflexões sobre os conteúdos propostos nas disciplinas. Na escolha do *layout* dos blogs, alguns estudantes optaram por características especiais disponibilizadas pelas plataformas de cadastro – *Blogger* e *Wordpress*, embora a maioria tenha optado pelos formatos compostos por uma página de visualização contínua.

A prática do blog permitiu o deslocamento do formato padronizado do AVA, para uma configuração mais próxima às afinidades de cada estudante. Neste movimento, o primeiro exercício foi o da escolha do formato e o segundo, o ato de nomear, desconstruindo o programa educacional baseado na padronização, possibilitando que a sala de aula ganhasse diferentes formas, cores e afetos, conforme pode ser observado na Figura 1. Para fins de contextualizar e exemplificar as percepções relatadas, foram selecionados 30 blogs para análise. Nesta etapa do processo investigativo o exercício poético deflagrou aprendizagens, na descoberta sobre as diferentes formas de pertencimento relatadas pelos estudantes.

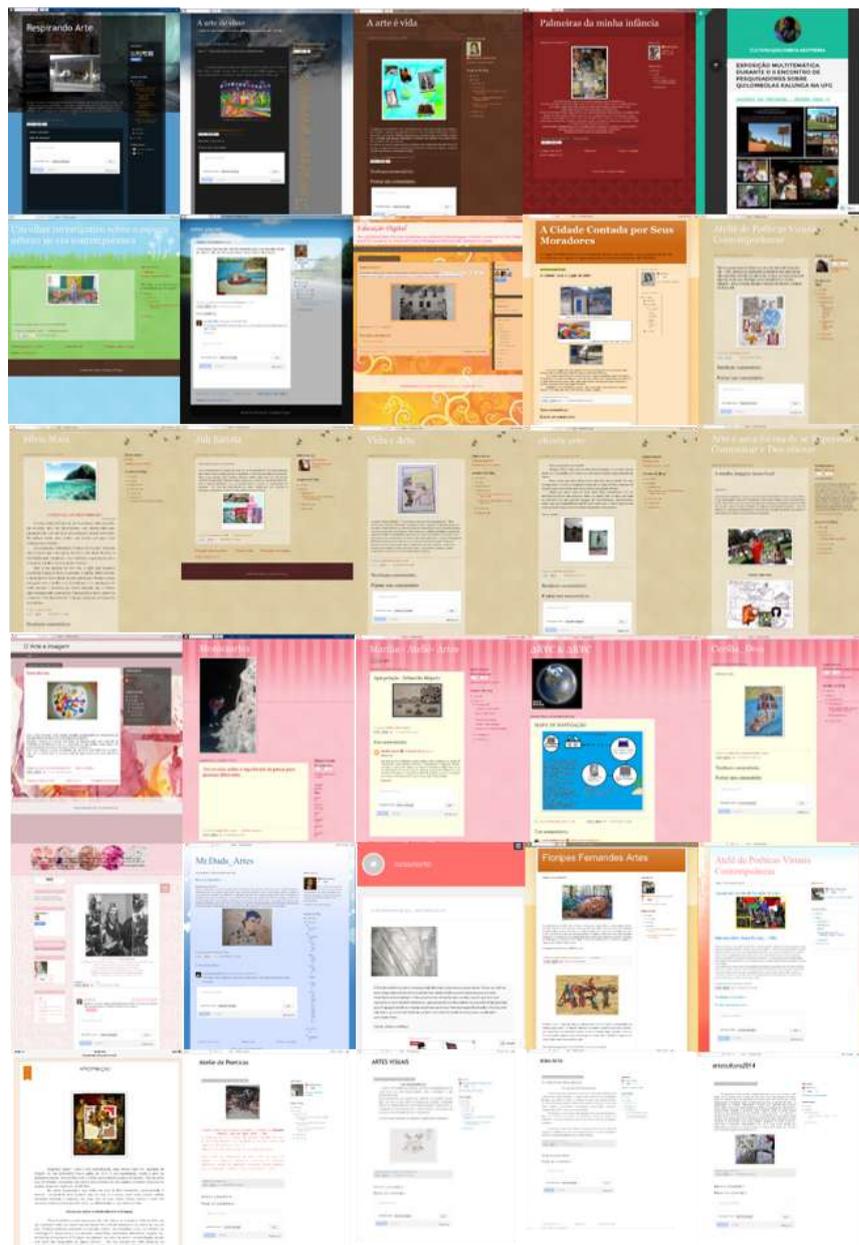


Figura 1. Mosaico com imagens dos blogs criados pelo grupo de estudantes. Arquivo pessoal.

Memórias e figurações

Na disciplina *Ateliê de Estéticas Urbanas*, ofertada no primeiro semestre letivo do ano de 2015, a prática do blog foi continuada com a articulação de conteúdos, significados e referências próximas ao contexto de cada estudante, no diálogo com os conteúdos propostos, onde a autora do texto base da disciplina (NUNES, 2011) aborda a

relação entre arte e espaço público, visualidade, visibilidade, interterritorialidades e práticas que investigam o imaginário urbano.

A disciplina foi iniciada com a proposta de apropriação do espaço urbano, que se define “como uma categoria de entendimento do lugar, qual seja, a da “pracialidade”: um ‘estado de praça’, uma prática espacial, específica da esfera pública” (NUNES, 2011, p.23). Esse conceito deflagrou o retorno ao blog, agora inserindo-o em um diálogo ampliado, considerando não apenas a produção autoral, mas também, a inserção com o espaço público, tornando-se uma praça de encontro e compartilhamentos das ações realizadas no decurso da disciplina.

O destaque ao conceito de pracialidades deu-se pela relação direta com o espaço local de cada estudante, mas também, em sua relação com os blogs, na percepção de que estes, representam lugares de encontros, assim como as praças. A proposta foi que cada estudante escolhesse uma praça da cidade onde reside e, por meio dela, iniciasse o diálogo com o conteúdo da disciplina. Foi proposto que fizessem registros da praça escolhida e que, por meio da ferramenta *Google Maps*, criassem mapas pessoais para que pudessem compartilhá-los em seus respectivos blogs. Após a definição da praça e a sua indicação no *Google Maps*, cada estudante fez um desenho no entorno, delimitando o espaço que seria etnografado.

O diálogo foi estendido para a comunidade, por meio de entrevistas com frequentadores das praças, onde puderam conhecer e compartilhar os sentidos e memórias relacionados a estes lugares. A orientação foi que nesta prática do etnografar, fossem registrando e compartilhando as suas percepções sobre o espaço escolhido, orientados por categorias estéticas, tais como: lugares, monumentos, imagens, arquiteturas e suas derivações. Em alguns blogs, não apenas as imagens foram compartilhadas, mas também, o áudio das entrevistas e vídeos registrando o entorno, criando uma rotina de publicações e permitindo que cada registro pudesse ser acompanhado por todo o grupo.

Embora as ferramentas utilizadas para os registros integrassem o cotidiano do grupo, foi uma atividade complexa, visto que, para a maioria, o uso destes aparatos está centrado nos comandos simplificados de acesso. As dificuldades foram sendo superadas

no trabalho incansável dos professores tutores que atuaram no suporte técnico e pedagógico³. Além das questões técnicas, surgiu a necessidade de que os grupos tivessem autorizações dos sujeitos colaboradores para que tanto as imagens, quanto os áudios pudessem ser disponibilizados em rede. Após a realização do percurso etnográfico, cada estudante retornou ao seu mapa pessoal, demarcando os locais visitados, bem como, os espaços registrados. A etapa seguinte previa a realização de ações de intervenção poética nos lugares escolhidos. O tempo foi restrito para as demandas que surgiram paralelas à condução da disciplina, de modo que, a experimentação poética não pôde ser efetivada no espaço da cidade. Contudo, a experimentação citada se deu nos blogs, uma vez que, este passou a integrar relatos de uma experiência coletiva de lugares significativos.

Na intenção de avaliar como cada estudante percebeu o processo, foi proposto que respondessem sete questões:

1. Após a vivência deste recente percurso etnográfico e, retornando ao conceito de lugar em relação à tríade - cidade/blogs/universidade - na sua opinião, que saberes foram construídos? Apresente exemplos.
2. Apresente suas reflexões sobre o processo de entrevistas e narrativas dos sujeitos, principalmente, sobre a noção de pertencimento sobre a "pracialidade" nos espaços percorridos por você, seja nos diferentes logradouros, seja na praça. Que conceitos estudados vocês destacariam para este relato reflexivo?
3. Explique de que maneira esta relação etnográfica, construída entre a experiência *in-loco* e a experiência virtual, dialogou e estruturou, em termos metodológicos, estas duas esferas de aprendizagem?
4. Este processo de experimentação deflagrou ações coletivas e colaborativas? Se sim, onde? De que maneira? Se não, apresente uma justificativa.
5. Dentre as questões 1 a 4, escolha uma e, na sequência, apresente uma imagem representando sua resposta. Explique a sua escolha.

3 A oferta da disciplina Ateliê de Estéticas Urbanas contou com a atuação dos professores tutores: Joana Luiza Lara Pena e Jhon Maykel Fernandes.

6. Escolha uma pessoa amiga, parente ou demais colaboradores e peça que leia suas postagens do blog. Na sequência, pergunte qual a impressão sobre a leitura. Pergunte se a linguagem do blog esteve adequada para este diálogo. Anote os comentários e compartilhe seus novos aprendizados.

7. Caso a disciplina fosse ter sequência, que ações você desejaria desenvolver?

A *Questão 5* delimitou o conteúdo de análise, pois a possibilidade de escolha poderia ser representativa do que foi mais significativo para cada estudante e, se os blogs teriam sido transformados em um lugar de pertencimento. Embora as imagens e as respostas fossem distintas, ao analisar o conteúdo, duas situações recorrentes foram percebidas: relatos de lembranças associadas aos lugares visitados e a identificação do lugar visitado como espaço simbólico. Na sequência, estas duas percepções foram organizadas em categorias conceituais: memória e figuração, onde as categorias são uma "[...] espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas da mensagem" (BARDIN, 2016, p.37). Nora (1993) apresenta o conceito *memória* – o absoluto, em contraposição à *história* – o relativo, explicando que a memória é sinônimo de vida, em "[...] permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações." (NORA, 1993, p.9), como elo entre o vivido e o presente, onde permanece a sua atualidade. Para ele, a memória é afetiva e mágica. Não se aloja no conforto dos detalhes, mas se alimenta de lembranças que vagueiam, de forma em múltiplas formas, forma múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada, enraizada em espaços, gestos, imagens, objetos e, também, nos lugares.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse

ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva. (NORA, 1993, p.13)

Lugares de memória são, segundo o autor, simples e ambíguos, naturais e artificiais, aberto às experiências sensíveis, destacando-se de elaborações abstratas. Ele explica que a memória está associada aos lugares, assim com a história, nos acontecimentos. Uma espécie de duplo, que para ele, ora constitui-se em um lugar de excesso, fechado em si mesmo, ora aberto, em suas significações.

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p.21-22)

Elias (2006) afirma que apenas seres humanos formam figurações uns com os outros, pois, a vida conjunta é determinada na transmissão de conhecimento entre gerações por meio das singularidades do mundo simbólico de figurações pré-existentes. Para ele, "o convívio dos seres humanos em sociedades tem sempre, mesmo no caos, na desintegração, na maior desordem social, uma forma absolutamente determinada. É isso que o conceito de figuração exprime" (ELIAS, 2006, p.26). Essa categoria de análise está

diretamente relacionada à praça, não apenas como espaço de trânsito, mas de (re)encontro com o espaço simbólico e as suas figurações decorrentes. A maioria das imagens das praças apresentadas pelo grupo de estudantes, revelaram em seu enquadramento, a igreja, o banco, e o coreto, em relação direta ao exercício de fé, afeto e poder. É importante pensar, como estas figurações foram deslocadas do seu lugar de origem para as interfaces dos blogs. De certa forma, elas foram desterritorializadas, e recompostas com destaque, na composição de interfaces culturais. Que, embora singulares, ao serem vistas como um todo complexo, tornaram-se a expressão de um contexto sociocultural. De formas de ver, perceber e construir realidades.

Um ser humano singular pode ter relativa autonomia em relação a determinadas figurações, mas em relação às figurações em geral, quando muito, apenas em casos extremos (por exemplo, o da loucura). As figurações podem ter autonomia relativa em relação a determinados indivíduos que as formam no aqui e agora, mas nunca em relação aos indivíduos em geral. Dito de outra maneira: um ser humano singular pode possuir uma liberdade de ação que lhe permita desligar-se de determinada figuração e introduzir-se em outra, mas se e em que medida isto é possível depende de fato das peculiaridades da figuração em questão. As mesmas pessoas também podem formar umas com as outras diferentes figurações (os passageiros antes, durante e, possivelmente, depois de um naufrágio; burgueses e nobres antes, durante e depois da Revolução). Inversamente, diferentes seres humanos singulares podem formar figurações similares, com certas variações (famílias, burocracias, cidades, países). (ELIAS, 2006, p.27)

Especialmente no âmbito da educação, a possibilidade de acessar espaços geográficos e lugares de memória, muitas vezes distantes dos espaços acadêmicos, tornam-se extremamente relevantes, para um processo que se afirme dialógico. As figurações acadêmicas, geralmente padronizadas, são facilmente reconhecíveis, pois se esforçam para manter estruturas que as identifique. De maneira que, não raro, se sobrepõem às figurações advindas de múltiplos contextos relacionados aos estudantes. A teoria de processos e figuração apresenta um molde teórico-empírico destacando que “[...] para analisar problemáticas sociais em uma perspectiva de longa duração, nas quais são consideradas as relações recíprocas entre os indivíduos que compõem a trama social, ou seja, que formam uma figuração.” (RIBEIRO, 2010, p.203). A modalidade a

distância, de certa forma, propícia que tais padrões sejam superados. Mas, normalmente, o que se vivencia são AVAs também padronizados, quando poderiam assumir a diversidade de se constituírem como interfaces culturais, repletas de possibilidades temáticas à serem percebidas e criticadas, para que, a partir delas, ou por meio delas, seja possível construir diálogos na busca por transformações ou manutenções do contexto em que se está inserido, a depender do propósito que moverá o processo. Um lugar sem memória, é um espaço vazio de figurações e, portanto, de pertencimento.

Convergências

Ao refletir sobre as categorias *figuração* e *memória*, significadas pelos estudantes, observa-se que, embora os conteúdos tenham sido elaborados por meio de associações em suas construções subjetivas, o programa que estrutura a interface dos blogs esteve inalterado. O conteúdo apresentado por cada estudante, esteve submetido ao software (FLUSSER, 2008), que por apresentar um formato padrão, impede que o usuário sem conhecimento de programação altere determinados elementos, assumindo uma condição de submissão velada, para uma existência digital. Existência efêmera, pois os blogs existirão, bem como o corpo que se constrói dentro dele, enquanto as plataformas de hospedagem existirem ou enquanto os dispositivos que utilizam para interação continuarem sendo atualizados. Ao contrário de uma existência individual, o duplo corporal que se constrói nestas ações, é de um “eu coletivo”, e por ser coletivo, os diálogos, as imersões e trânsitos nestas formas de existência reverberam subjetividades múltiplas. No paradoxo que configura (de figurar) a existência destes sujeitos coletivos em espaços nos entre-lugares das redes digitais e não digitais, a experiência construída reformula, amplia e reivindica diferentes modos de “ver” e de “ser”. Destas experimentações, pode-se perceber a importância da prática do blog como exercício de pronúncia e lugar desterritorializado de memórias e figurações, alinhados ao que Freire (2005) destacou ser o despertar da palavra verdadeira e temas geradores, na busca por uma educação como prática para a liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papius, 1994.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CANDY, L. Practice based research: A guide. **Report from Creativity and Cognition Studios**, Sydney: University of Technology, 2006. Disponível em: <https://www.creativityandcognition.com/resources/PBR%20Guide-1.1-2006.pdf>. Acesso em 30 julho.2017.

ELIAS. N. **Escritos & Ensaio 1: Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 2011.

MANOVICH, L. **The language of new media**. Cambridge: Mit Press, 2001.

NORA, P. Entre a história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo: EDUC, p.7-28, 1993.

NUNES, L. A. Ateliê de Poéticas Urbanas. IN: **Licenciatura em Artes Visuais - Módulo 8**. Licenciatura em Artes Visuais - Modulo 8. Goiania: FUNAPE, 2011, v. 8, p. 8-25.

RIBEIRO, L. S. **Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias**. 2010. 281f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Campinas, São Paulo, Campinas. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/287136366/Processo-e-Figuracao-Um-estudo-sobre-a-Sociologia-de-Norbert-Elias-Luci-Silva-Ribeiro-2010>.

SCRIVENER, S. Reflection in and on action and practice in creative-production doctoral projects in art and design. **Working Papers in Art and Design 1**, 2000. Disponível em: https://www.herts.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0014/12281/WPIAAD_vol1_scrivener.pdf.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Editora Autores Associados, 2006.

SOBRE A AUTORA:

É Licenciada e Bacharel em Artes Visuais (habilitação Design Gráfico). Mestre em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é Professora na Faculdade de Artes Visuais/UFG – nos cursos de Licenciatura em Artes Visuais – modalidade presencial e a distância – e, doutoranda nos Programas de Pós-Graduação em Educação pela Universidade de Brasília e em Mídia-Arte Digital pela Universidade Aberta de Portugal e Universidade do Algarve. Pesquisa processos de formação docente na confluência entre arte, educação, comunicação e tecnologias; produção de sentidos no âmbito da cultura participativa e traduções de interfaces culturais em mídia-arte.